

EDITORIAL

por Raquel Abecasis

25 anos de VIDA

“Portugal convoco-te para a missão”. O apelo de João Paulo II à sua chegada a Portugal em Maio de 1991 foi ouvido por milhares de pessoas e deixou sementes em muitos corações.

A Luz Vasconcelos e Sousa tinha passado os meses anteriores muito empenhada a preparar esta visita do Papa com uma série de actividades culturais que, sob o lema “As razões da nossa esperança”, procurou espalhar pela cidade as razões da fé.

Foi assim, cansada pelo trabalho dos últimos dias, mas muito ansiosa para ouvir as palavras de João Paulo II aos portugueses, que a Luz percebeu imediatamente que o desafio da missão era um desafio que lhe dizia directamente respeito.

Nos meses e anos seguintes a Luz fez desse apelo a razão de ser da sua vida. Logo no Verão de 1991 partiu para Moçambique com um grupo de voluntários, para durante um mês trabalhar na Casa do Gaiato de Boane, em Moçambique. Foi o primeiro contacto com comunidades longínquas a quem a Luz percebeu que era necessário dar as “razões da sua esperança”.

A História da VIDA começou assim, com uma intuição original de obedecer a um apelo de João Paulo II. Ao longo dos primeiros 20 anos, com quedas e tropeços, erros e sucessos a Luz procurou sempre que nesta ONG se partilhasse a vida com as pessoas em Matutuine (sul de Moçambique), em Suzana, São Domingos ou Bissau (Guiné-Bissau).

É a partir de uma vida partilhada que se percebem necessidades e que se encontram respostas mas, acima de tudo, só assim se encontra Aquele que é o único que tem resposta para o coração do homem.

Esta era a força da Luz, a força e inspiração que ela deixou aos que com ela trabalharam e agora continuam a sua obra. Convocada para a missão a VIDA tem sido uma história de sucesso, diferente de tantas outras, não por uma particular técnica, mas porque em 25 anos tem sabido começar cada dia de trabalho com a consciência de que o seu propósito é colaborar com a obra de Deus, no lugar e na modalidade que ele escolheu para nós. •

Por Paulo Imbadji

Técnico agrícola do projeto “Kópóti pa cudji nô futuro”



“Viver e trabalhar junto das comunidades locais” é uma das metodologias que a VIDA adoptou ao longo dos anos de experiência acumulados na implementação de projectos na Guiné. Esta metodologia permitiu conhecer e diagnosticar os problemas vistos de dentro das próprias comunidades. Durante a implementação deste projecto temos vindo a realizar várias deslocações a algumas das aldeias mais isoladas desta zona, nomeadamente Bulol, Eossor, Djufunco, Edjim e Elalab, incluindo Suzana onde o projeto está sediado. As beneficiárias directas são as mulheres agricultoras, porque são elas que se dedicam à actividade hortícola. Em cada uma destas aldeias, cada mulher tem a sua parcela individual onde produz principalmente tomate, e existe também uma horta comunitária que tem vindo a ser apoiada pela VIDA. Para além dos rolos distribuídos para a vedação das hortas comunitárias, o apoio da VIDA tem sido feito a vários níveis, tais como formações (técnicas de produção agrícola; transformação e conservação de produtos; gestão e conservação do solo; e associativismo); a distribuição de materiais agrícolas e de sementes certificadas e o acompanhamento técnico contínuo da produção agrícola e do escoamento dos produtos.

Através das visitas de acompanhamento realizadas durante estes dois anos de execução do projecto conseguimos verificar algumas melhorias das condições de vida das pessoas dentro das comunidades, de onde podemos destacar:

- A utilização dos fundos obtidos através da venda dos produtos provenientes da horta comunitária para pagamento dos salários dos professores contratados pela comunidade para lecionarem em escolas de ensino básico elementar frequentadas pelos seus filhos.
- As hortas comunitárias têm aumentado a capacidade financeira das suas beneficiárias que investem esse rendimento adicional em bens comunitários, tais como a manutenção de casas das mães, reparação de escolas, compra e manutenção de máquinas descascadoras de arroz e o pagamento da mutualidade de saúde.

As populações dessas comunidades vivem num profundo isolamento, enfrentando um sem número de desafios. Uma das principais dificuldades apontadas pelas agricultoras prende-se com a falta de meios de transporte que facilitem o escoamento dos seus produtos para os pontos de venda.

O facto da VIDA optar por uma abordagem de proximidade com as comunidades leva a que nós, técnicos, tenhamos que nos deslocar frequentemente às aldeias e pernoitar, em grande parte das vezes, dada a distância e a dificuldade de acesso terrestre. Esta tem sido uma experiência marcante que, para além do trabalho, tem feito criar relações de amizade e confiança com os agricultores que demonstram a sua gratidão do esforço desempenhado pela equipa da VIDA através da oferta de galinhas, de arroz, de peixe ou até mesmo dos produtos colhidos nas suas hortas.

~ Continuação na próxima página ~

Por Paulo Imbadji

Técnico agrícola do projeto “Kópóti pa cudji nô futuro”

Também importa realçar o papel fundamental dos dinamizadores agrícolas comunitários rurais (pontos focais) no alcance dos objetivos do projeto. Estas têm apoiado a equipa técnica no seguimento e acompanhamento da produção hortícola, mas também no seguimento do escoamento do tomate das agricultoras através da pesagem do tomate de algumas produtoras previamente selecionadas. Esta pesagem é feita de forma a permitir recolher dados concretos sobre o tomate escoado para os pontos de venda para que seja possível avaliar qual o rendimento obtido pelas agricultoras e para permitir também perceber qual a quantidade de tomate escoado de cada aldeia.



Apesar de, de uma forma geral, estarmos a conseguir ganhar a confiança das agricultoras e de estarmos a atingir bons resultados, é importante não esquecer que isto tem sido feito num ambiente de grandes dificuldades observadas por nós técnicos nas constantes deslocações às aldeias. Após cada deslocação, é visível o cansaço com que os técnicos voltam a Suzana e já tem mesmo acontecido voltarmos sentindo os sintomas da falta de saneamento básico (falta de latrinas e água potável) existente nestas

aldeias (principalmente através de gastrites e diarreia), apesar de todo o cuidado e precaução que temos quando nos deslocamos às aldeias.

Apesar do esforço despendido, é com satisfação e agrado que vemos que algumas mudanças estão a acontecer nas aldeias onde trabalhamos. Este ano, inclusive, verificamos que a grande maioria das agricultoras aumentou as parcelas de cultivo de hortícolas na horta comunitária e nas suas hortas individuais. Também é notório o dinamismo e a consciência que estas comunidades estão a ganhar relativamente à união, ao associativismo entre agricultoras. Isto é visível na angariação de fundos para fins coletivos e poderá ser crucial para que possam ultrapassar desafios futuros, tais como a dificuldade no transporte do seu tomate e de outros produtos para o mercado e vice-versa. Neste momento, esta é a sua principal preocupação e a equipa da VIDA está a acompanhá-las dando aconselhamento com vista à busca de soluções adequadas e sustentadas pela própria comunidade.

Sabemos estar no bom caminho e acreditamos que o esforço conjunto entre as agricultoras e a equipa da VIDA irá certamente levar a que possamos vir a colher os frutos desse empenho. •



Por Elisabete Catarino

Coordenadora departamento de nutrição da Associação Helpo



Parceiro do projeto “Reforço das estruturas de saúde de iniciativa comunitária na Região de Cacheu”



Do primeiro encontro com a VIDA, em meados de 2016, surgiu a vontade de unir esforços e valências e arrancar com uma participação da Helpo num projeto da VIDA. Em Janeiro, após resposta positiva dos financiadores Camões-Instituto da Cooperação e da Língua e da Fundação Calouste Gulbenkian, arrancámos, em parceria, com as atividades do projeto “Reforço das estruturas de saúde de iniciativa comunitária na Região de Cacheu - Mutualidade de Saúde e Centro Comunitário de Saúde Materno Infantil de São Domingos”.

A Helpo, ao longo dos últimos 5 anos (em São Tomé e Príncipe) especializou-se em intervenções direcionadas à nutrição materno-infantil. Para isso, apostou numa equipa de nutricionistas, em parcerias fortes (Ministérios da Saúde, UNICEF e Universidade do Porto) e em intervenções ajustáveis às dinâmicas do sistema de saúde e às lições aprendidas ao longo do tempo. O foco tem sido colocado na alimentação e na nutrição adequada de mulheres grávidas, lactantes e crianças menores de 5 anos.

O trabalho de base é feito com as equipas de saúde e levado até ao público alvo através de um acompanhamento em ambiente clínico e comunitário.

Em São Domingos, na Guiné-Bissau, os primeiros passos dados pela Helpo estão bem assentes na intervenção de longos anos da VIDA no Centro Comunitário de Saúde Materno Infantil. Embora levemos de outras latitudes o modelo de intervenção e a experiência, o encontro com o contexto guineense (especialmente no que toca à cultura alimentar, hábitos e costumes das famílias e orgânica das unidades de saúde) tem sido um desafio diário.

No fim de Março completámos dois meses de intervenção, com a nutricionista Inês Dias permanentemente no terreno, integrada na enérgica equipa da VIDA. A avaliar pela vontade e pelo profissionalismo de toda a equipa do projeto, só podemos adivinhar dias dinâmicos no Centro de Saúde Materno-Infantil e uma colaboração que, de um feliz encontro, se tem tornado cada vez mais forte. •

Por Pedro C. Vicente

NOVAFRICA - Universidade Nova de Lisboa

Incentivos não-financeiros de Agentes de Saúde Comunitária em Bissau

Arrancou no início deste ano a introdução de Agentes Comunitários de Saúde (ASCs) no Sector Autónomo de Bissau, Guiné-Bissau. Este é um projecto de grande envergadura, envolvendo perto de um milhar de ASCs, com elevado potencial impacto nos indicadores de saúde daquele país.

“ OS ASCs SÃO PEÇAS FUNDAMENTAIS NA ESTRATÉGIA DE INFORMAÇÃO PARA A SAÚDE E DE TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS (DIARREIA, PALUDISMO E PNEUMONIA), PELA PROXIMIDADE QUE TÊM DAS SUAS RESPECTIVAS COMUNIDADES ”

Os ASCs constituem a primeira linha de cuidados saúde num contexto de uso limitado dos centros de saúde. De facto, os ASCs além de serem instrumentais na ligação com os centros de saúde, são peças fundamentais na estratégia de informação para a saúde e de tratamento de algumas doenças (diarreia, paludismo e pneumonia), pela proximidade que têm das suas respectivas comunidades.

No contexto do NOVAFRICA, centro de conhecimento da Nova School of Business and Economics da Universidade Nova de Lisboa, onde sou investigador, tenho tido o enorme gosto de colaborar com a VIDA, em termos de avaliação de impacto de alguns dos seus projectos.

A introdução dos ASCs em Bissau, estando a ser organizada e gerida pela VIDA em conjunção com os seus parceiros Guineenses e internacionais, gerou uma oportunidade específica de aprendizagem em termos de avaliação de impacto. Especificamente, estamos interessados, NOVAFRICA e VIDA, em identificar mecanismos de incentivo não-financeiros que permitam melhorar a performance dos ASCs.

Estamos nomeadamente a testar os efeitos de um módulo de aprofundamento de motivação intrínseca (que enfatiza a importância do papel do ASC para a sua comunidade junto do próprio ASC), de um módulo de status social (orientado para premiar publicamente o ASC junto da sua comunidade), e de um módulo informativo sobre ASCs para as comunidades.

Iremos medir os impactos destes módulos na performance dos ASCs, nomeadamente em termos de resultados de saúde factuais nos dados administrativos dos centros de saúde e de resultados de inquérito aos agregados familiares. De notar que a nossa metodologia de trabalho (*randomized controlled trial*) permite a identificação de relações de causa efeito.

Com a insubstituível ajuda do Mattia Fracchia, doutorando e nosso coordenador de campo neste projecto de avaliação de impacto, e a incansável colaboração da equipa da VIDA liderada pela Patrícia Carvalho, tenho a certeza de que iremos, através deste projecto de investigação, ficar a saber mais sobre o modo mais eficiente de desenhar incentivos para ASCs na cidade de Bissau. Num contexto de financiamentos limitados para o sistema de saúde, a evidência que procuramos poderá fundamentar mudanças de políticas não só na Guiné-Bissau mas também noutros países similares e da região.

A nossa colaboração com a VIDA tem tudo para construir uma linha de trabalho com influência internacional em termos de ajuda ao desenvolvimento. •

Cofinanciadores do projeto “Estratégia para aceleração da redução da mortalidade materna, neonatal e infantojuvenil na Guiné-Bissau - Setor Autónomo de Bissau”



Por Filipa Zacarias

Coordenadora de projetos | Representante em Moçambique

Operários do Desenvolvimento

De coordenar entende-se literalmente colocar partes funcionando em rede ou sistemas, mas quando as partes não funcionam, a tarefa de coordenar dissolve-se na periferia do seu objectivo. O útil nem sempre é agradável, nem sempre é o nosso ponto forte de competência e nem sempre se coloca de forma apenas ocasional.

Em Moçambique trabalhamos em Matutuíne, que é apenas um (1) distrito mas com 5400 km² de extensão (metade do Distrito de Beja mas sem estradas). Muitos lugares são mais remotos do que viajar seis horas para trabalhar uma hora e onde as actividades a realizar ou a rede que se dissolve, me levam todos os meses.

Um destes lugares é Mussongue, no sul do Distrito, quase na fronteira com a África do Sul, terra de elefantes e contrabando, onde em 2014 conheci o professor Muzamane, Director da Escola Primária local. Para minha surpresa soube que é natural não dali, mas de Inhambane e que desde que foi colocado em Mussongue há 23 anos, ficou. Matutuíne e particularmente os seus Mussongues de rácios quentes de isolamento, são lugares evitados à primeira oportunidade de ir embora.

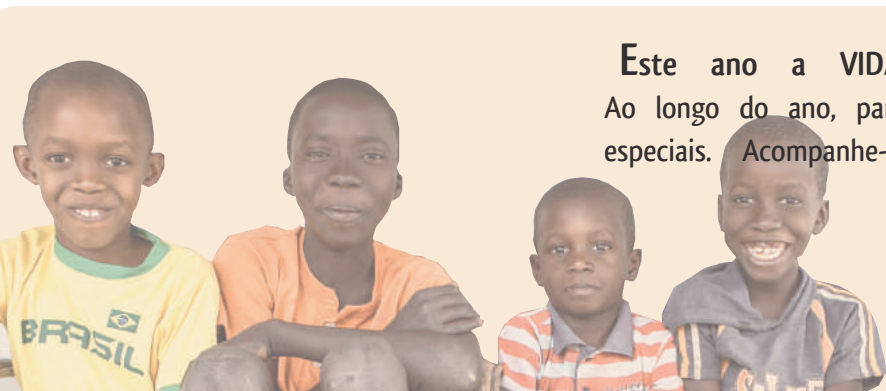
Então perguntei-lhe, com indisfarçável perplexidade, porque é que ele ficou. Ele respondeu que percebia a pergunta mas que se todos pensássemos assim o que seria de lugares como Mussongue? De alguma forma foi uma resposta também para mim.

Sinto-me muitas vezes dividida entre o trabalho que me derrota e o mesmo trabalho em que me sinto invencível, receando que a passagem dos anos vá pesando em desfavor. Imagino que às vezes o caminho a fazer seja claro e que às vezes seja apenas uma suspeita. Por enquanto vejo que estou em boa companhia. Aos meus colegas que, vivendo com a dúvida (e o cansaço), se entregam ao necessário, muito obrigada. •



Prof. Muzamane





Este ano a VIDA celebra 25 anos de existência! Ao longo do ano, partilharemos alguns momentos e atividades especiais. Acompanhe-nos através das nossas redes sociais:

 facebook.com/vidaportugal

 instagram.com/ongdvida



Dia 15 de Fevereiro, a VIDA esteve presente no painel de debate “Que caminhos para o Desenvolvimento Africano?” do ciclo *Economia Viva*, para falar sobre sua experiência de 25 anos em Cooperação para o Desenvolvimento em África.

O ciclo de conferências *Economia Viva* é uma iniciativa da Associação de Estudantes da Nova SBE e da Nova Economics Club, que reúne personalidades da política e da sociedade para discutir várias temáticas em torno do futuro da economia portuguesa.



O projeto “Estratégia para a aceleração da redução da mortalidade materna, neonatal e infantojuvenil na Guiné-Bissau - Setor Autónomo de Bissau” avança a bom ritmo! Nos últimos meses, os Agentes de Saúde Comunitária receberam formação, realizaram estágios nos Centros de Saúde e já estão a recolher dados relativos aos agregados familiares para concretizar o recenseamento de toda a população residente nos bairros da capital.

Este projeto é cofinanciado por Unicef, Camões-Instituto da Cooperação e da Língua, e Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do programa UE Saúde da União Europeia.

O programa *Príncipes do Nada* foi conhecer o projeto da VIDA “Tabanka ku saudi” nas regiões de Cacheu e Biombo, na Guiné-Bissau! Este episódio esteve no ar a 16 Março na RTP1.

Se ainda não conseguiu ver, pode aceder a este episódio em: www.rtp.pt/play

